



A “BATALHA DE CAMPO GRANDE” OU “LA BATALLA DE LOS NIÑOS”

Alberto Martins da Silva

A Batalha de Campo Grande (1869), com seus diversos nomes tupy-guaranis, é um dos pontos de apoio dos que se ocupam em denegrir a participação do Exército Brasileiro na Guerra do Paraguai, com base na idade média do combatente que a tropa brasileira enfrentou.

Os dados apresentados neste artigo enfoca o recrutamento paraguaio a partir de 1866 e permite, ao leitor desapaixonado, avaliar qual o verdadeiro responsável pelo sacrifício de tantos jovens embevecidos com as palavras tresloucadas de um líder no desespero da inevitável derrota.

Corria o ano de 1869 e a situação do Exército Paraguai, após a queda de Pirebeuí, não era das mais promissoras. Seus comandantes já não conseguiam reunir um contingente, com a mesma rapidez de antes, para fazer face ao avanço da força aliada. O Marechal Lopez já tivera conhecimento do progresso das conversações realizadas em Assunção, para a implantação do Governo Provisório assentado num triunvirato. O País dividido, a tropa com seu efetivo cada vez mais reduzido e o grande número de feridos

e famintos eram o reflexo do impensado proceder do obstinado e cego Presidente, que jogava o País em incerto e perigoso futuro.

— Segundo historiador paraguaio, “em 16 de agosto aconteceu uma das mais estupendas batalhas da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai”. O local da batalha recebeu várias designações — é chamado de *Campo de Barrero Grande*, por Resquín; *Nu Guazu*, *Rubio Nu* ou *Diaz Cué*, por Centurion, e *Campo Grande*, por O’Leary. O nome de *Acosta Nu*, conhecido no Paraguai

e no Brasil, não aparece em nenhum documento da época.

Essa batalha seria uma entre as muitas que ocorreram naquele período bélico, não fossem os comentários ocorridos no Paraguai. As reações do povo guarani estão fundamentadas no que dizem os livros dos escritores lopistas, quando a descrevem enfatizando o "massacre" realizado pelos brasileiros contra as crianças que estavam no Exército de Lopes.

Essa distorção dos fatos é ainda hoje motivo de críticas, chegando ao nosso meio através de filmes e documentários de televisão. Manda a verdade dizer que os soldados não estavam lá como crianças desassistidas, soldados de última hora e sem proteção do Exército Paraguai, e sim, soldados preparados para a luta, disciplinados pelo Exército Militar e conscientizados pelo forte sentimento patriótico do povo paraguaio.

A força aliada, que era chefiada pelo Marechal Conde D'Eu, levou de vencida o General Bernardino Caballero, com somente 63 mortos e 389 feridos. O Exército inimigo teve 2 mil mortos e 1.300 prisioneiros, perdendo 23 canhões e seis bandeiras, segundo o historiador Barão do Rio Branco, nas "Efemérides".

Segundo o historiador paraguaio, Juan E. O'Leary, que ouviu do próprio general Caballero, "a Divisão paraguaia se compunha de 3 mil homens, das três armas, e seis canhões. Quase todos seus soldados eram jovens que apenas passavam dos qua-

torze anos. Somente o Batalhão nº 6, cujo Chefe era o Comandante Bernardo Franco, se compunha de veteranos..."

Quanto às perdas do lado paraguaio, diz o General Resquín que "o General Caballero perdeu sua artilharia, 87 carretas com bois, armamentos, munições e bandeiras, logrando salvar-se entre muitos que sucumbiram. Quando revistou suas tropas, para chegar ao Quartel-General, não tinha mais que trinta oficiais e 2.320 soldados. O Comandante Franco, com 29 oficiais e 1.765 soldados, havia sucumbido em seu posto de honra, e o Comandante Oviedo, com 36 oficiais e 1.816 soldados, havia sido feito prisioneiro".

O que desejamos deixar esclarecido é que o governo paraguaio já usava do expediente de recrutar jovens para as suas fileiras desde 22 de fevereiro de 1866, isto é, três anos e seis meses antes daquela batalha. O decreto, assinado no Quartel-General de *Paso Pocu*, pelo Presidente Francisco Solano Lopez e Vicente Barrios, chama, em seu Artigo 1º, ao serviço das armas todos os cidadãos que, pelo último recenseamento, foram classificados como aptos para o serviço ativo militar. Na Batalha de Corrales — fevereiro de 1866 — segundo o "Boletim de Campanha nº 3", já atuaram jovens, que se bateram heroicamente, tendo sido citados Prudência Gimenez e Barrando Céspedes.

Na verdade, a data de 12 de dezembro de 1866 marca a chegada, em Humaitá, do navio *Yporá*, trazendo

A "BATALHA DE CAMPO GRANDE" OU "LA BATALLA DE LOS NIÑOS"

cinquenta jovens, cujas idades variavam de 11 a 14 anos, procedentes da Vila Rica. Eles vinham formar uma Unidade Militar, a primeira inteiramente de jovens, que haveria de incorporar-se ao Exército em operações. Até então, os jovens prestavam serviços auxiliares, de vigilância, nas vilas e povoados e também nos acampamentos de Paso Pocu, sem, contudo, atuarem nos combates. Esse grupo vinha comandado por Fermin Lopez, velho professor de várias gerações, ex-combatente e muito querido por todos. Ferido em combate, Fermin foi evacuado da zona de operações para convalescença, retornando, a pedido, para Vila Rica para disciplinar os jovens, agora no posto de subtenente.

Convém ressaltar, também, que, em abril de 1865, o Capitão José Edwiges Diaz, Chefe de Polícia da Capital, havia solicitado ao Presidente Lopez *um destino más conforme con su genio y la robustez de su juventud*. Nessa ocasião, o próprio Presidente o encarregou da instrução e organização de um batalhão com a flor e nata da juventude de Assunção. Esta é a origem do Batalhão n.º 40, que foi preparado no Quartel de São Francisco, e recebeu a visita do alto mandatário da Nação, comentada por Juan Silvano Godoi, em seu livro *Mono-grafias Históricas*.

Com as constantes baixas e o avanço dos aliados, a urgência de mais reforços se fez necessária. Assim, novamente, em 22 de março de 1867, foi dado ordens a todas as cir-

cunscrições militares do Paraguai para procederem a um novo alistamento, alcançando todos quantos estivessem em condições de portar armas. Esta ordem atingia os jovens de 12 a 16 anos.

Já no início de abril, começaram a chegar ao acampamento de Humaitá os recrutas que, segundo os cronistas, "em menos de quinze dias tinham aprendido o manejo das armas, como os melhores veteranos". A partida desse contingente foi, como o anterior, muito festejada pela população da Capital, que, acorrendo à praça fronteiriça ao Hospital Militar, aplaudiu os jovens heróis, distribuindo abraços e flores.

Em fins de abril, o agravamento da situação militar no Paraguai, que se encontrava atacado pelo norte, sul e ameaçado a oeste, e mais a chegada de reforços militares para o Exército aliado, fez com que Lopez baixasse nova ordem para um novo alistamento, abrangendo, dessa vez, todos aqueles que foram dispensados até então, isto é, os de idade abaixo de 12 anos, e os homens portadores de defeito físico. Esse alistamento foi centralizado na circunscrição militar do Quartel-General, em Paso Pocu, cuja comissão encarregada também percorreu os acampamentos e vilas alistando até os militares que convalesciam de doenças e ferimentos. Desse novo contingente, os militares seguiram diretamente para Paso Pocu, prontos para ação militar, e os outros para Assunção, onde iriam

para o período de adestramento das armas.

A imprensa descreve a chegada dos jovens e os dias de treinamento, assinalando o interesse de todos pela instrução. Em sua reportagem o articulista faz referência a alguns jovens adestrados no Quartel de São Francisco, e componentes de um batalhão, nomeando-os até: Jesus Montiel (15 anos), Cristobal Figueredo (16), Máximo Pereira (15), Martim Florencio (14), Apolinário Chamorro (13) e Joaquim Galiano (12).

Em fins de agosto de 1867, uma nova instrução do Marechal Lopez determinava que fossem recrutados todos os jovens que ainda se achavam fora do Exército, sem exceção de idade, incluindo todos os de 12 anos e aqueles de menor idade que fossem robustos e capazes de prestação do serviço militar. Nesse particular, basta citar o Batalhão nº 49, cujas Companhias — 1ª, 2ª e 3ª — totalizando um efetivo de 304 soldados, apresentava 266 jovens com idades que variavam entre 10 a 16 anos. Na Companhia de Caçadores, também desse Batalhão, existiam 99 jovens de baixa idade. Nessa época, o jornal *El Semanario*, saudando os soldados, dizia:

“Hemos presenciado com sumo agrado a entrada a esta capital de los robustos jóvenes que vienen llenos de entusiasmo a enrolarse en las filas de los bravos de la pátria. Al cruzar nuestras calles daban animados vivas a la libertad, al Excmo Mariscal Lopez y al Ejercito. Todos ellos

han llegado montados y adornados con vistosas flores que iban obsequiando al pasar a las señoritas que salian de sus casas a saudarlos y darles la bienvenida.”

No final de dezembro de 1868, em Cerro Leon, a situação crítica levou o próprio Lopez, através de uma proclamação, a reconhecer ter sido derrotado — era a primeira vez que assim agia — e chamou o povo a seguir com ele até o final da luta e da vitória. Nesse momento já era difícil a situação de seu Exército, em constantes deslocamentos, seguidas derrotas e grande número de baixas.

Era crescente, convém salientar, o número de jovens feridos que buscavam as enfermarias, como também o de mortos. Para que se tenha idéia da atitude suicida de Lopez, basta citar que o Batalhão nº 51, era comandado pelo Tenente Juan Gilermo Gonzalez, de apenas 16 anos. Alguns Batalhões foram quase que inteiramente formados de jovens; o já citado Batalhão nº 49 chegou a ter em suas fileiras, num total de 503 praças, 92% de jovens, perfazendo 463, muitos de apenas 10 anos de idade.

Todo esse comportamento do Marechal Lopez vem demonstrar o significado das unidades militares utilizadas na Batalha de Campo Grande ou Acosta Ñu. Era o desespero de um vencido que usou as sementes da própria Pátria, os jovens que tanta falta iriam fazer no futuro do Paraguai.

O Exército Brasileiro não massacrrou crianças, lutou contra um ini-

A "BATALHA DE CAMPO GRANDE" OU "LA BATALLA DE LOS NIÑOS"

migo aguerrido, característica do soldado paraguaio, embevecido com as palavras tresloucadas do líder militar. Se naquele final de dezembro de 1868, Lopez tivesse estudado a situação militar de seu Exército e a situação político-social de seu povo, teria evitado um final trágico para a sua Pátria, opinião que é expressa por alguns escritores paraguaios, também.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOZO, Efraim Hace — Cien Años. Ediciones EMASA — Assuncion — Paraguay. 1982. 13 Vol;
RIO BRANCO, Barão. Efemérides Brasileiras. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro. 1946;
Arquivo Nacional de Assuncion — Paraguay; Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro.



General-de-Brigada Médico ALBERTO MARTINS DA SILVA — Diretor do Hospital Central do Exército. Autor de vários trabalhos históricos e pesquisador da história da medicina militar. Pertence ao Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto Histórico e Geográfico Alagoano, Academia Brasileira de Medicina Militar, Academia Brasileira de Odontologia Militar e Academia Brasileira de Farmácia Militar.